

NOTA TÉCNICA

BARRAGEM DE ASSUÃO – REPERCUSSÕES AMBIENTAIS

High Aswan dam – Environmental repercussions

JOSÉ FOLQUE*

Em Novembro de 1993 reuniu no Cairo a Comissão Executiva da COMISSÃO INTERNACIONAL DAS GRANDES BARRAGENS (CIGB). Seguiu-se um Simpósio dedicado à barragem de Assuão e aos seus impactes ambientais.

J. COTILLON, Secretário-Geral da CIGB, elaborou o relatório final do Simpósio, documento de muita clareza e acutilância. Os documentos referentes a estas reuniões são objecto de publicação, mas acontece que, em geral, o seu conhecimento não ultrapassa o estreito círculo dos especialistas em barragens. Ora, num caso como o vertente em que se tratam aspectos ambientais, agora que o grande público “acordou” para a ecologia e que as barragens são encaradas muitas vezes com suspeita, é aos engenheiros em geral e, mais ainda, a “toda a gente” que interessa levar as informações. Por isso achou-se que seria útil elaborar uma Nota em que se resumissem as conclusões a que chegou COTILLON.

1 – Começa o autor do relatório por frisar que o aprofundamento do conhecimento da obra e seus impactes lhe trouxe certas surpresas. A primeira foi saber que a barragem evitara, diversas vezes, que agudas penúrias de alimentos, autênticas vagas de fome, assolassem o Egipto. Isto aconteceu em 1972-73 e depois, entre 1979 e 1987, quando houve nove anos consecutivos de seca. Pode-se assim considerar que o principal objectivo da barragem logo nos primeiros anos foi atingido.

O segundo objectivo – protecção contra cheias devastadoras – também foi imediatamente conseguido, por exemplo, quando das cheias de 1975 e 1978.

Com água disponível todo ano, e em abundância, o aumento de área irrigada na região do delta é verdadeiramente impressionante, atingindo inclusive certas zonas do Sinai, anteriormente desérticas.

Deplora COTILLON que estes factos sejam geralmente ignorados fora do Egipto, como acontecia com ele próprio antes de ter tomado conhecimento das repercussões da obra. Lamentam-se umas toneladas de sardinha deixadas de pescar no estuário sem deitar contas aos milhares de toneladas de peixes, de espécies mais ricas, que passaram a criar-se no lago Nasser (albufeira da barragem).

2 – Ao longo do vale, a jusante, também são notáveis os benefícios. É verdade que se deixou de dispor das “lamas” deixadas pelas cheias com as quais tradicionalmente se fabricavam tijolos por métodos artesanais. Mas este prejuízo foi remediado com a construção de fábricas de cerâmica, instaladas a montante e onde se exploram jazidas de argilas de boa qualidade.

* Investigador do LNEC.

Vegetação aquática marinha, que anteriormente não tinha condições para se desenvolver, ameaça agora invadir certas zonas das margens onde a corrente é muito lenta. De princípio foram usados produtos químicos para evitar o seu crescimento; tendo-se reconhecido o perigo de poluição que essa prática representava, foi ela abandonada, cortando-se actualmente as ditas ervas com máquinas apropriadas.

3 – Tendo em mente tudo o que ficou dito, uma questão de imediato se impõe: por que razão tem a barragem de Assuão tão má reputação? É de notar que nunca qualquer obra desta relevância foi tão denegrida. Porquê?

COTILLON apresenta algumas razões, obviamente deduzidas do “seu entendimento”. Uma delas tem conotações místicas, relaciona-se com o significado *MÍTICO* que o Nilo representava, com as suas cheias periódicas interpretadas como manifestações do poder dos deuses, assegurando a fertilidade quando o seu povo o merecia, privando-o dela quando o castigo se impunha.

Parece mais digna de atenção esta outra razão: quando Nasser, nos anos 60, pensou em promover a construção da barragem – solução que se lhe afigurava adequada para assegurar a sobrevivência de uma população em rápido crescimento – os países ocidentais recusaram-lhe auxílio. Nasser nacionalizou então o canal de Suez; o Ocidente ripostou com uma invasão anglo-francesa, mas Nasser, com certos apoios externos, conseguiu resistir. Tornou-se então um “monstro” para a propaganda dos países ocidentais. E as coisas ainda mais se agravaram quando Nasser se voltou para outro “monstro”, a União Soviética.

Nessas circunstâncias a União Soviética prestou ao Egipto assistência financeira e técnica; a obra foi projectada e construída por técnicos soviéticos. Dois “monstros” só podem gerar um “monstro”! Será preciso mais para explicar a má reputação da barragem de Assuão?

Podem de facto encontrar-se mais algumas razões, com menos conotações políticas e mais ligações e reacções instintivas de opiniões públicas mal informadas. Pode-se nesta linha apontar:

- Questões de curto prazo: por exemplo, as dificuldades que de início surgiram no fabrico de tijolos;
- Ignorância dos benefícios: quem se lembra dos benefícios nos anos de seca e quem pensa nos prejuízos evitados quando das grandes cheias?
- Ausência de promoção de imagem: o governo egípcio nada fez para promover a imagem da barragem e contrariar as campanhas de difamação (que eram, no essencial, um golpe da “guerra fria”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTILLON, J. — Final Review – Symposium on High Aswan Dam, 61st Exec. Meeting, Int. Com. of Large Dams, ICOLD. 1993.